

# Para além do excepcionalismo: notas sobre “O estranho e o ordinário” de Michel-Rolph Trouillot

Rodrigo C. Bulamah<sup>1</sup>

Júlia Vilaça Goyatá<sup>2</sup>

Bethânia Pereira<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, São Paulo/SP, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Departamento de Sociologia e Antropologia, São Luis/MA, Brasil

<sup>3</sup>Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Programa de Pós-graduação em História, Campinas/SP, Brasil

Originalmente publicado em 1990, no terceiro número da revista *Cimarrón*, o artigo de Michel-Rolph Trouillot (1949-2012), **O estranho e o ordinário: o Haiti, o Caribe e o mundo**, que aqui apresentamos, foi escrito pelo antropólogo haitiano em um momento paradigmático tanto para a história de seu país natal quanto para sua trajetória acadêmica.<sup>1</sup> Assistia-se no Haiti, desde 1986, à emergência de iniciativas democráticas e novos debates políticos no campo progressista após o longo e violento período da ditadura duvalierista.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo e ao norte do Atlântico, Trouillot, que saíra do país caribenho em 1968, justamente em função de perseguições políticas, se consolidava como pesquisador e professor universitário.<sup>3</sup> O antropólogo lecionou na Universidade Duke, a partir de 1983, onde durante os próximos cinco anos ajudou a criar o Programa de Estudos Caribenhos (Woodson & Williams, 2013). Pouco depois de terminar seu doutorado no Programa de História e Cultura Atlântica da Universidade Johns Hopkins, em 1985, tornou-se professor na mesma instituição, onde permaneceu até 1998, quando se transferiu para a Universidade de Chicago. Ali ensinaria até o fim de sua vida<sup>4</sup>.

1 A revista *Cimarrón - New Perspectives on the Caribbean* foi criada em 1985, vinculada à *Association of Caribbean Studies*, da Universidade da Cidade de Nova Iorque (CUNY). Sua criação teve como intuito preencher lacunas na produção intelectual norte-americana sobre o Caribe. O editor da primeira edição, Basil Wilson, era membro do Departamento de Estudos Afro-Americanos do John Jay College. Desde o primeiro número, a revista privilegiou os trabalhos de intelectuais e escritores caribenhos (Goldway, 1986).

2 Foi a partir de um movimento conjunto da sociedade civil, articulada com a Igreja Católica e recebendo apoio da diáspora haitiana e de parte da comunidade internacional que Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, foi deposto em 1986, dando fim a um regime que já durava 29 anos. Instaurada por seu pai, François Duvalier (1907-1991), o *Papa Doc*, alguns anos após sua eleição em 1957, a ditadura duvalierista e seus mecanismos de construção do poder foram também alvo do interesse sociológico, antropológico e historiográfico de Trouillot. O autor desenvolveu o tema no livro *Haiti, State against Nation: The Origins and Legacy of Duvalierism*, publicado em 1990 concomitantemente ao artigo que apresentamos aqui, exercendo grande influência em trabalhos posteriores. Ver, por exemplo, Dubois (2012), Hector & Hurbon (2009); Andrade (2019).

3 É importante ressaltar que Trouillot vem de uma família de intelectuais haitianos, que, como ele mesmo comenta no prefácio de seu livro *Silenciando o passado: poder e a produção da história* (2016), tinha um interesse particular pela história: “cresci numa família que se sentava com a história à mesa de jantar” (2016, p. 15). Seu pai, Ernest Trouillot (1922-1987), foi advogado, professor e chegou a apresentar durante alguns anos um programa de televisão sobre história haitiana. Já seu tio paterno, Henock Trouillot (1923-1988), foi um reconhecido historiador e esteve por muitos anos à frente do Arquivos Nacionais do Haiti. Para mais detalhes da biografia de Trouillot ver: Woodson, (s/d; 2013); Bonilla (2014).

4 Trouillot morreu em Chicago aos 61 anos em função de um aneurisma cerebral. Seus obituários mostram a extensão de sua contribuição para as ciências sociais, especialmente para os estudos caribenhos: Scott (2012); Woodson & Williams (2013); Price (2013); Dubois (2013).

**O estranho e o ordinário** é parte, assim, de uma série de novos trabalhos publicados por Trouillot a partir dos anos 1990. É nesse momento em que, não por acaso, o autor se volta à reflexão sobre o Haiti, após pelo menos uma década de estudos dedicada à compreensão da história colonial de São Domingos – com um amplo espectro de trabalhos que vão de artigos publicados em inglês (Trouillot, 1981, 1982) a um livro pioneiro escrito em crioulo haitiano, cujo objetivo político era contar a história da Revolução Haitiana através do prisma do materialismo histórico além de um importante trabalho de campo etnográfico realizado na ilha de Dominica, estudo que deu origem à sua tese de doutorado (Trouillot, 1988). Iniciado pela publicação, ainda na década de 1980, de *Les Racines Historiques de l'État Duvaliérien* (1986) - trabalho que se tornaria quatro anos depois o clássico *State Against Nation: The Origins and Legacy of Duvalierism* (1990b) - este movimento incluiu reflexões sistemáticas sobre a história política haitiana, sua relação com a região caribenha e o capitalismo global, e, em última instância, sobre a posição do Haiti no imaginário antropológico ocidental. Sem abandonar o horizonte comparativo, foi a partir de materiais empíricos que Trouillot traçou análises bastante atuais sobre contextos pós-plantation, pensando tanto na autonomia histórica do Estado em contextos pós-coloniais e na formação de retóricas do poder autoritário (Trouillot, 1990b; 1992) quanto em processos crioulação e sociogênese em regiões que compõem a geografia da diáspora africana (Trouillot, 1990a; 2006). Dois outros trabalhos do autor recentemente traduzidos para o português são também exemplos fundamentais da produção da década de 1990: o artigo “A região do Caribe: uma fronteira aberta na teoria antropológica” ([1992] 2018), dedicado a compreender a construção do Caribe como região etnográfica e objeto antropológico, e o livro *Silenciando o passado: poder e a produção da história* ([1995] 2016), em que o autor discorre sobre formas de produção da história enquanto práticas sociais e narrativas conformadas por relações de poder situadas.<sup>5</sup>

Especificamente em **O estranho e o ordinário**, Trouillot realiza uma reflexão que se aproxima ao movimento feito por Edward Said (1935-2003) anos antes com seu *Orientalismo* (1990 [1978]), quando aponta para a construção pelo Ocidente de um Oriente às avessas. Espécie de espelho invertido, Said argumenta que esse Oriente diz mais respeito aos pressupostos epistemológicos ocidentais e às suas pretensões imperialistas do que ao próprio mundo oriental, sua diversidade e história. Nessa mesma direção, Trouillot aponta para os perigos de tratar o Haiti como uma exceção histórica e sociocultural, interpretação que teria suas raízes nas análises, especialmente feitas por intelectuais e cronistas estrangeiros, que enfatizam as particularidades da Revolução Haitiana (1791-1804) e da subsequente independência do país (1804). Desde então, chama a atenção Trouillot, o Haiti tem sido visto como local idiossincrático, especialmente por oposição ao Ocidente imperialista, e entendido como “o [seu] mais longo projeto neocolonial” (1990a: 7). De “primeira república negra das Américas” à “nação mais pobre do hemisfério ocidental”, frases frequentemente entoadas pelos livros de história e noticiários ao longo do século XX, o país é marcado por sua estranheza (“the odd”), mas pode e deve também ser apreciado por sua dimensão ordinária (“the ordinary”). Afinal, nos ensina a antropologia que a vida cotidiana e as práticas sociais corriqueiras são tão relevantes como objeto de análise quanto os grandes eventos históricos e as catástrofes.<sup>6</sup>

A insistência em ressaltar as supostas particularidades haitianas tem ainda, nos dirá Trouillot, efeitos perversos, que tanto invisibilizam a agência dos haitianos e haitianas ao longo da sua história, quanto minimizam a violenta contribuição oferecida pelos países imperialistas a essa mesma história. Mais do que isso, o autor revela como a ficção do excepcionalismo haitiano, produzida também por literatos nacionalistas, garantiu as pretensões autoritárias de uma elite que entendia que um país excepcional deveria ser também

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre estes trabalhos ver a introdução de Mello & Pires (2018) à tradução de Trouillot (2018) e as resenhas de *Silenciando o Passado* de Benevides (1999) e, mais recentemente, Zuker (2019).

<sup>6</sup> Não se pode deixar de lembrar aqui do terremoto que em 2010 assolou o país, deixando por volta de 250 mil mortos e mais de um milhão de desabrigados. Sem dúvidas, o terremoto despertou na mídia e no meio acadêmico análises que reforçam o argumento do excepcionalismo haitiano desenvolvido por Trouillot mais de uma década antes da tragédia. Nesse sentido, ver, entre outros, o artigo de Thomaz (2011) sobre o terremoto e os discursos estigmatizantes sobre o Haiti.

governado de forma excepcional. Assim, a difundida imagem de um Haiti, que de tão único se torna estranho ou incompreensível, opera como um “escudo”, perfeito para isolar o país politicamente, afastando-o da integração a um mundo “dominado pelo Cristianismo, pelo capitalismo e pela branquitude” (1990a: 7). Trouillot mostra, assim como o faz em outros trabalhos, o imbricamento entre as narrativas históricas, a construção de imagens antropológicas e os mecanismos de poder que, em diferentes escalas, produzem as desigualdades e os estigmas. Finalizando o texto com um convite a novas pesquisas, Trouillot antecipa parte das investigações que marcariam os anos 2000 e lança as bases de um projeto de compreensão de processos históricos similares ao caso haitiano que ainda aguarda novas contribuições.

Na esteira deste artigo o antropólogo demonstrou ainda, em seus trabalhos da década seguinte, as ambições de um projeto de crítica à antropologia e sua face colonialista. Demônio que sempre ressurgiu apesar dos constantes esforços em exorcizá-lo, encontramos na pena de Trouillot uma importante inflexão assentada nas possibilidades de historicizar fenômenos sociais e os próprios conceitos de que historiadores, filósofos e cientistas sociais lançamos mão. Não por acaso, conceitos como *cultura*, *modernidade* e *globalização*, foram chamados provocativamente por ele de “universais norte-atlânticos” (Trouillot, 2003). Por meio de um atento trabalho crítico com os conceitos, ao longo de toda sua trajetória Trouillot demonstrou como a antropologia pode, de fato, contribuir para a renovação de temas, problemáticas e ferramentas.

A circulação do texto aqui apresentado, inicialmente elaborado como uma aula magna e escrito em meio às turbulências que levariam o Haiti à eleição de Jean-Bertrand Aristide (1953-), diz muito de sua potência e de sua capacidade de dialogar com outros universos, para além de seu inegável enraizamento histórico, político e espacial. Sabe-se que, desde a sua publicação, ele era passado de mão em mão, através de fotocópias grifadas, ou ainda escaneado e difundido por algum estudante generoso, cruzando assim hemisférios e mares antes do advento das digitalizações. O artigo seguiu e segue inspirando pesquisadoras e pesquisadores que pensam articulações globais a partir do que Mintz (2012) chamou de temas e variações caribenhos, bem como estudiosos interessados em questionar a clássica oposição antropológica entre particularismo e universalismo, articulada por Trouillot através da noção de *excepcionalismo* (Bonilla, 2013; Benedicty-Kokken, Byron, Glover & Schuller, 2016). Parte de uma verdadeira obra crítica e engajada, este texto que já nasceu um clássico, encontra agora uma nova publicação, seguida de uma tradução ao português. O intuito é de que ele possa circular de modo mais amplo e que, com a versão em português, se junte aos esforços já realizados para a divulgação do trabalho de Trouillot em territórios lusófonos, ganhando, esperamos, novos leitores e leitoras entusiasmados.

## Referências

- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. 2019. *Haiti: dois séculos de história*. São Paulo: Alameda.
- BENEVIDES, Sérgio Paulo. 1999. "Silencing the past: power and the production of history". *Mana*, 5(2): 199-201.
- BENEDICTY-KOKKEN, A. BYRON; J. GLOVER, K.; SCHULLER, M. (eds.). 2016. *The Haiti Exception: Anthropology and the Predicament of Narrative*. Liverpool: Liverpool University Press.
- BONILLA, Yarimar. 2013. "Ordinary sovereignty". *Small axe*, 42: 152-165.
- \_\_\_\_\_. 2014. "Remembering the songwriter: the life and Legacies of Michel-Rolph Trouillot." *Cultural Dynamics*, 26(2): 163-172.
- DUBOIS, Laurent. 2012. *Haiti: The Aftershocks of History*. New York: Metropolitan Books.
- \_\_\_\_\_. 2013. "Michel-Rolph Trouillot (1949-2012)". *Hispanic American Historical Review*, 93(4): 685-690.
- GOLDWAY, David. 1986. "Congratulations to Cimarrón!". *Science & Society*, 50(1): 127.
- HECTOR, Michel; HURBON, Laënnec. 2009. *Genèse de l'État haïtien, 1804 - 1859*. Paris: La Maison des Sciences de L'Homme.
- MELLO, Marcelo Moura; PIRES, Rogério Brittes W. 2018. "Trouillot, o Caribe e a Antropologia". *Afro-Ásia*, 58: 189-196.
- MINTZ, Sidney. 2012. *Three ancient colonies: Caribbean themes and variations*. Cambridge: Harvard University Press.
- PRICE, Richard. 2013. "Michel-Rolph Trouillot (1949-2012)". *American Anthropologist*, 115(4): 717-20.
- SAID, Edward W. [1978] 1990. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCOTT, David. 2012. "The Futures of Michel-Rolph Trouillot: in memoriam". *Small Axe: a Caribbean Journal of Criticism*, 16(3): vii-x.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. 2011. "Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti". *Cadernos de Campo*, 20: 273-284.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. 1981. "Peripheral Vibrations: The Case of Saint-Domingue's Coffee Revolution". In: R. Rubinson (ed.), *Dynamics of World Development*. Beverly Hills, CA: Sage. pp. 27- 41.
- \_\_\_\_\_. 1982. "Motion in the System: Coffee, Color, and Slavery in Eighteenth-Century Saint-Domingue". *Review*, 5(3): 331-388.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Les Racines Historiques de l'État Duvaliérien*. Port-au-Prince: Éditions Deschamps.
- \_\_\_\_\_. 1988. *Peasants and Capital: Dominica in the World Economy*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- \_\_\_\_\_. 1990a. "The Odd and the Ordinary: Haiti, the Caribbean, and the World". *Cimarrón: New Perspectives on the Caribbean*, 2(3): 3-12.
- \_\_\_\_\_. 1990b. *Haiti, State against Nation: The Origins and Legacy of Duvalierism*. New York: Monthly Review Press.
- \_\_\_\_\_. 1992. "The Vulgarity of Power". *Public Culture*, 5(1): 75-81.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Global Transformations: Anthropology and the Modern World*. New York: Palgrave Macmillan.
- \_\_\_\_\_. 2006. "Culture on the Edges: Creolization in the Plantation Context". In: The International Creole Fest (ed.), *The African Diaspora and Creolization*. Broward County, FL: A.C.T.I.O.N. Foundation, Inc, pp. 9-21. Disponível em <http://internationalcreolefest.org/images/CahierICFo6-Booklet.pdf> (acesso: 19/05/2020).
- \_\_\_\_\_. [1995] 2016. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya.

- \_\_\_\_\_. [1992] 2018. “A região do Caribe: uma fronteira aberta na teoria antropológica”. Tradução de Marcelo Moura Mello e Rogério Brittes Pires. *Afro-Ásia*, 58: 197-232.
- WOODSON, Drexel. “Trouillot, Michel-Rolph”. *Encyclopedia of the Social Sciences, Encyclopedia.com.*, acesso em 26 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com>.
- \_\_\_\_\_. 2013. “Byen Pre Pa Lakay: Toward a Complete Bibliography of Michel-Rolph Trouillot’s”, *Journal of Haitian Studies*, 19(2): 183-202. Special Issue on Michel-Rolph Trouillot.
- \_\_\_\_\_. ; WILLIAMS, Brackette. 2013. “In memoriam: Dr. Michel-Rolph Trouillot (1949-2012)”. *Caribbean Studies*, 4(1): 153-62.
- ZUKER, Fabio. 2019. “Trouillot, Michel-Rolph. Silenciando o Passado”, *Cadernos de Campo*, 28(1): 319-324.

*Rodrigo Charafeddine Bulamah*

Pós-doutorando FAPESP

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

<https://orcid.org/0000-0002-4734-7672>

E-mail: [rodrigobulamah@gmail.com](mailto:rodrigobulamah@gmail.com)

*Júlia Vilaça Goyatá*

Professora Adjunta – Departamento de Sociologia e Antropologia,  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

<https://orcid.org/0000-0002-3842-1877>

E-mail: [julia.goyata@ufma.br](mailto:julia.goyata@ufma.br)

*Bethânia Santos Pereira*

Doutoranda em História Cultural - Programa de Pós-graduação em História,  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Bolsista CNPq

<https://orcid.org/0000-0001-9493-0062>

E-mail: [bethaniapereira21@gmail.com](mailto:bethaniapereira21@gmail.com)